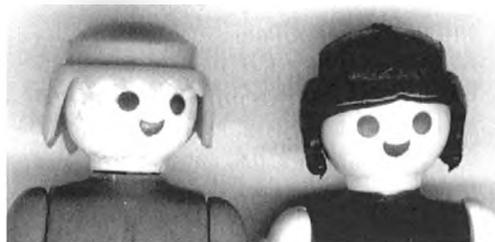


## Avassaladoras e Falcão Negro em Perigo, parasitas num país devastado

por Paulo Santos Lima

Se as larvas na carne aguçaram os instintos revoltosos dos marujos do *Encouraçado Potemkin*, de Eisenstein, o mesmo não vem acontecendo com o público brasileiro, que vem deglutindo alimento podre ou de segunda linha há tempos, e, pior, sem torcer o nariz. Em tempos de penúria, já sabemos, come-se o que aparece pela frente, até estragado. É assim no esforço de guerra, que desde o período napoleônico foi experimentado pela população civil que aguardava esperançosa o retorno dos soldados gloriosos. Aqui, no Brasil e Terceiro Mundo, contudo, a guerra não parece ter fim ou vitória. *O invasor*, armado com o aparelho midiático, vem sendo implacável, e aflorou um traço que sempre esteve no sangue humano - o do impacto visual - e lançou uma inversão de valores que prejudica o público a discernir entre filé mignon e coxão duro. Este último, no tumulto, torna-se uma peça de filé. Dentre tantos produtos estragados nacionais e importados, todos com embalagens extraordinárias e com maior disponibilidade nas prateleiras, há um brasileiro que engorda uma lista digna de Procon: *Avassaladoras*.

De certa forma, a proposta de *Avassaladoras* não seria tão execrável, ainda mais para um cinema que precisa crescer e reconquistar o público vampirizado pelos filmes estrangeiros, se arriscasse e inventasse sobre a fórmula do puro entretenimento e assumisse suas limitações. Mara Mourão, contudo, filmou um roteiro que nem uma criança de 12 anos faria tão inverossímil, reple-



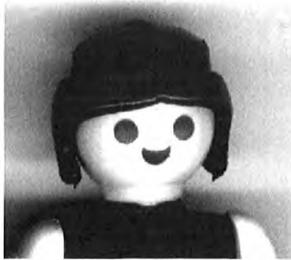
to de clichês e mau-gosto. O elenco mescla a canastrice com a má direção, puxado por Reynaldo Gianecchini e Giovanna Antonelli, ambos mais construções publicitárias que gente do ofício cênico. O método de atuação de todos que assinaram seus créditos no filme parece aquele quando o cinema migrava



do silêncio ao som e a empostação anti-naturalista ainda se fazia necessária. Sendo uma comédia, o erro ainda é mais grave.

Bem longe das brilhantes *screwball-comedies* de Hawks e Cukor, e mesmo da já conhecida comédia romântica, que costumam vagar nas ansiedades femininas e evidenciar dois mundos impenetráveis e complementares, o masculino e o feminino, em *Avassaladoras* o intuito poderia ser mais digno, mais engajado em apontar o jeitinho brasileiro ou de buscar uma felicidade irreverente neste caos político nacional. As tais mulheres, desprezadas pelos homens e por seus sonhos, tentam uma volta por cima, procuram tornar-se mulheres “avassaladoras”. A originalidade, aqui, já nasce condenada à morte, mas o pior estaria por vir, sob a responsabilidade de Mara, que criou um grande compêndio de tudo o que se deve fazer para destruir a concepção de cinema como arte: câmera que enquadra mal; decupagem próxima a de uma montagem ginasial em VHS; trilha sonora equivocada; itens diegéticos que suspeitam da perspicácia do espectador. Com tal boçalidade de argumento e estética fílmica, que remete a um teatro encenado por canastrões e argumento píffio, e feito num país agonizante e cuja cultura vem sofrendo seqüestros diários, *Avassaladoras*, o filme, acaba cumprindo um papel próximo à traição à pátria.

Pois *Avassaladoras* ainda é desmascarado como produto malévolo por outro traço além do interesse mercadológico: a apologia do preconceito. Em meio a homens bonitos e burros, outros tão belos quanto canalhas,



alguns outros tão feios quanto chatos, surge o árabe Miguel (Caco Ciocler), que está longe de ser feio, nem bonito de to-

do é, mas veste-se mal, tem modos bizarros e assusta a pobre Laura (Giovanna), que fica horrorizada quando visita sua loja, em bairro central do Rio de Janeiro. Pegue-se um *O invasor*: a câmera não estranha a periferia, mas tenta entendê-la, usar a mesma baia. Aqui, com *Avassaladoras*, a incursão a uma região mais popular é semelhante a uma visita ao inferno, à pequenez e à banalidade. A moça sai da zona sul e faz careta quando encontra a “desordem”, o suor, a barba, os pêlos, a carne. Resumindo, o temor da burguesia.

A câmera, então, é companheira desses valores burgueses, excludentes, que tentam a negação de um país racialmente miscigenado e ainda carente de integração social. A diretora de cinema e publicidade Mara Mourão não limou do roteiro esse ranço que chibata a nossa identidade histórica. Assim como durante a Segunda Guerra houve colaboracionistas por todos os lados, até mesmo entre os judeus perseguidos, pois alguns poucos conseguiram livrar sua pele e ainda exercer cargos de confiança nos guetos, ou como muitos franceses que aceitaram o jugo nazista por mais de quatro anos, *Avassaladoras* aceita a regra do jogo, imposta pelo mercado globalizado – e guiado pelos grandes países – e, amiga e admiradora do invasor, escolheu o caminho fácil e covarde do retorno econômico rápido.

*Avassaladoras* caminha por aqui impunemente porque está num país em ruínas,

estuprado economicamente, pilhado culturalmente. Assim como a política incute que somos uma nação a caminho da modernidade, do prazer material e da cidadania latejante, *Avassaladoras* forja uma qualidade dentro da virtual indústria de entretenimento cinematográfico brasileira. É a prostituta que passa o batom na boca, veste a melhor saia e gasta os tostões de origem escusa no melhor perfume. Tudo isso para, daí, entregar-se ao marinheiro ou empresário estrangeiro, com a diferença de que será o brasileiro a pagar a conta.

### O abutre de Ridley Scott

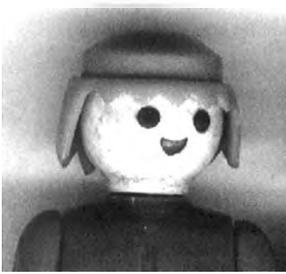
Pois veio, nesses dias, um soldado bem armado e com discurso de ferro, que poderia ser um inglês, mas que, graças à opção de seu padrinho, é um norte-americano de sangue e de coração. Seu nome é *Falcão Negro em perigo*. *Black Hawk Down* (o título original) é o pior filme de guerra já feito nos últimos tempos. Enquanto o tropego Schwarzenegger, por exemplo, carrega nas tintas e involuntariamente parodia uma caçada a terroristas colombianos no grotesco *Efeito colateral*, aqui o diretor Ridley Scott talvez tenha radicalizado suas opções políticas, escoradas na cartilha do governo Thatcher, e assumido de vez o *affair* com o governo rude de George W. Bush. O longa resgata um incidente ocorrido na Somália, em 1993, quando tropas norte-americanas tentaram raptar dois figurões do governo do ditador Mohamed Farah Aidid e se deram mal, cercados pelos guerrilheiros locais e travando uma pequena batalha nas ruas da capital do país.

O filme divide-se entre três universos: os vilões, as vítimas e os salvadores. Lógico que o povo somali que vagueia esfomeado e

alheio à guerra receberá a graça dos heróis norte-americanos. E os guerrilheiros de Aidid serão destruídos. A “sutileza” do roteiro é juntar num mesmo grupo os vilões e as vítimas, ou seja, fazer ambos uma coisa só: o povo somali. Assim, a empreitada americana, que é obviamente uma invasão (mesmo sendo a Somália um Estado totalitário horripilante, com o governo canalha e condenável de Aidid, houve a quebra da soberania por parte dos EUA), torna-se um gesto humanitário. Tal termo, hipócrita, considera que os países desenvolvidos possuem essência humana, sendo que o subdesenvolvimento mantém os não-ricos próximos da animalidade. Pois animais, no roteiro de Ken Nolan sob direção de Ridley, são os rivais somalis, que lutam como uma tribo africana. Como? Difícil de explicar, mas imagine um soldado (americano) preso nas ferragens de um helicóptero Black Hawk abatido (o título do filme!); ele está cercado pelos soldados de Aidid; estes vão, um por um, com fuzil em punho, aproximando-se para alvejar o destemido *mariner*, que, com pontaria implacável, acerta uma bala mortal em cada um que ritualisticamente tenta chegar perto da aeronave.

Os somalis não falam, apenas choram, grunhem e mostram seus corpos esqueléticos.





“Eles”, “essa gente” – é assim que os soldados os chamam – não têm muito a dizer, pois têm de atirar e atrapalhar os intentos sacros

dos *stars and stripes*. Falar é mesmo com os americanos, mestres da filosofia barata, dos berros babados e do *over acting*. Num dado instante, o herói do filme (o ator Josh Hartnett, loirinho, bonzinho, puro e branco) diz algo parecido com “ninguém tenta ser um herói... não nascemos herói... simplesmente, acontece, de repente tornamo-nos heróis”. É de virar o estômago.

Scott é diretor de três ou quatro grandes filmes, como *Os duelistas*, *Blade Runner*, *Alien – o oitavo passageiro* e, extraordinariamente, *Hannibal*. Menos por esmero artístico que por boa equipe técnica e roteiro mais inventivo. Scott fez grosserias inomináveis, como *G. I. Jane*. Assim, não se poderia esperar muito do desenrolar da história reacionária de *Falcão Negro em perigo*. Direção de atores péssima, roteiro esdrúxulo e intenções políticas malélicas, cheirando a mofo da era Reagan. Bem, a política de Reagan, gostemos ou não, estava inserida na dicotomia da Guerra Fria, à idéia de mocinho e bandido. Era, ao menos, um discurso mais direto, menos mascarado, apesar de ser dos mesmos assassinos. Pois agora o assassino, além de matar, também mente sobre seus propósitos, ludibria suas vítimas com idéias sobre aldeia global e quebra das fronteiras físicas. Com mídia mais poderosa que 20 anos atrás, *Black Hawk Down* tem muito para bajular o americano paçudo que chora por não ter onde usar

sua Winchester; e possui também a função “diplomática” de aterrorizar os outros povos, decretando a eles um jeito particular (e irreal) de ver as coisas do mundo.

Se o cinema estrangeiro, sobretudo o norte-americano, também despeja no mercado brasileiro filmes de alta qualidade artística, *Falcão Negro em perigo* é quem denuncia as piores intenções dos proprietários do parque industrial de entretenimento. Para levar a cabo os planos de expansão eterna, criaram um modelo tão rígido quanto atrativo aos olhos (e bolsos) fracos. Tal paradigma vem moldando um discurso que abandona o universo metafórico das ficções-científicas dos anos 50 ou mesmo o sacrifício solitário dos Rambos dos anos 80 para assumir uma fala sem nuances. *O invasor*, agora, não teme nada. Deixa claro qual será o jogo. Despeja algumas idéias conceituais, como os panfletos com propaganda antinazista que os aviões aliados despejavam durante a Grande Guerra, e mantém presença física. Há quem os ajude, cúmplices da pilhagem estrangeira.

Não é maléfico fazer um filme tecnicamente rústico, algo salutar para um país criar sua identidade cultural, pois pode refletir por meio das estética e linguagem cinematográficas os acirramentos político-ideológicos. O cinema italiano, por exemplo, de signos bem semelhantes ao nosso, ganhou roupagem hollywoodiana há alguns anos, desde o recrudescimento do monetarismo no planeta. Mal é a carne não fazer seu papel de lembrar que existe podridão na vitrine, nas prateleiras, na vida, e ser vendida ao desesperado. Pois o brasileiro é um desesperado inconsciente, que consome o que tiver pela frente, esnoba a resistência e sorri para os colaboracionistas. Talvez por tristeza, talvez pela falta de um modelo próprio ou mais atraente a ser reconhecido. Pois a admiração

dos franceses, na Segunda Guerra, então, pode ter sido fisgada pela determinação germânica (uniformes, projeto político, força, todos frutos da máquina de propaganda do malévolo Goebells) em contraponto à falta de determinação da República de Vichy. O caos político brasileiro pode criar esta ilusória e irresponsável necessidade de se encontrar um alvo, uma meta sólida.

Por falar em alvo, vale lembrar que os somalis, em *Falcão Negro em perigo*, são muçulmanos, assim como *Avassaladoras*, um pouco diferente, tripudia sobre a cultura muçulmana. Coincidência?

